

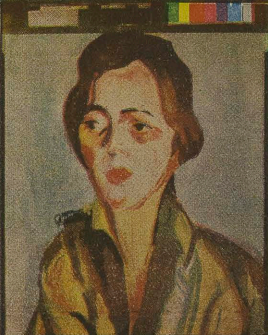
Arte e domingo

s. p. — 21-5-1972

Aíé o dia 2 de julho, o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand estará apresentando a Exposição comemorativa do Cinquentenário da Semana de 22. Piolin também está lá com seu circo em plena avenida Paulista, orgulhoso por saber reconhecido seu trabalho e por ter dilapidado e sofrido influência direta dos grandes modernistas brasileiros. Essa exposição é patrocinada pelo Governo do Estado de São Paulo, Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo — Conselho Estadual de Cultura. O professor Pietro Maria Bardi foi o organizador dessa importante exposição, onde estão muitos objetos, móveis, quadros, que trazem de volta o clima da Semana de Arte Moderna. Além da exposição, o Governo realizou o seminário de literatura "A Semana de 22 e suas consequências", projeção de filmes históricos, Concertos no Teatro Municipal, quando Guiliano Neves executa variações sobre o Hino Nacional, peças de teatro sobre a revolução modernista, edição de livros e revistas da época. Paulo Bonfim, diretor do Conselho Estadual de Cultura, afirma que com esta exposição no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, o Governo do São Paulo está revivendo a saga artística que partiu do palco do Teatro Municipal para todo o Brasil. "A importância desse acontecimento ocupa meio século de História Literária e de atividades artísticas. Suas consequências estão presentes em toda a poesia, desenhos de plasmar futuro". Por isso Paulo Bonfim afirma que "esta é uma semana que dura 50 anos".

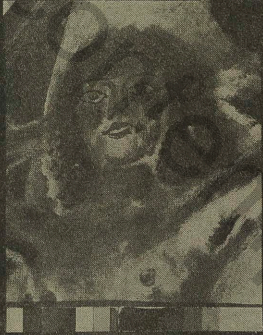
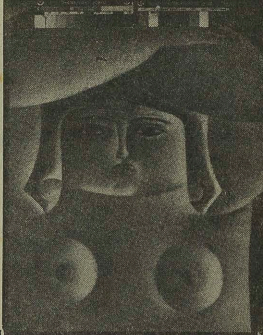


Os 75 anos de vida de Piolin estão calados dentro de seus olhos pequenos. Sentado, as pernas cruzadas, começa a lembrar aqueles homens estranhos que sempre visitavam seu circo, o mesmo circo que agora está na avenida Paulista: Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Menotti Del Picchia, Guilherme de Almeida, Tarcia Amaral e muitos outros. Piolin tem orgulho da sua vida e de estar envolvido na Semana de Arte Moderna. Mostra sua bengala e seu colarinho que tem mais de 60 anos. No começo, quando era ainda uma criança, Piolin tinha pavor de picadeiro. Mas depois se acostumou, e sua timidez desapareceu, porque ele precisava mesmo ganhar a vida para manter sua família. Sempre foi um homem feliz como é agora, com seu pequeno circo no Museu de Arte. Quando aqueles homens chegaram ao seu circo, na avenida São João, sempre havia discussão sobre arte. Oswald de Andrade gostava de circo e leu a peça que Piolin tinha escrito "Do Brasil ao Farol". Oswald até deu alguns palpites para a concepção e ajudou a montar. A estória simples de Piolin, que Oswald gostou, era a seguinte: Uma índia mineira brasileira foi raptada e levada para os Estados Unidos. Dois brasileiros resolveram buscá-la. Piolin levou cinco revólveres. Quando chegou, encontrou os raptores com golpes de caçadeira e rabo-de-arraia. Depois ele se casou com a moça.



Enquanto os burgueses da Semana clamavam suas repulções contra o ambiente burguês que hostilizava a arte e a poesia modernistas, São Paulo viveu uma cidade minante de vida, que nadava, saltava da cama para o trabalho ao cantar do galo (Kens Thillett, secretário da Semana, em "A Toca do Jaqueiro"). Um operariado ativo, lá preocupado com a política, em vista de se amargar através das interações cotidianas do pós Guerra; ignorava por completo a estética — a não ser a da moda, de vestir das diversas mais primitivas — a para da gente do campo que Monteiro Lobato burocraticamente notara, provendo de um dos participantes, Cláudio Motta Filho, o seguinte:

O modo burlesco que vive sentido sobre os calcebanos, indiferente a tudo, retardando da espécie e tempo do progresso do país, não pode ser o protótipo da alma nacional. Em todo o caso, pouco se argumentou sobre circunstâncias de nacionalidade, transcendendo, todavia, um espírito de nacionalismo de elite. Talvez a falta de empenho social tenha sido uma das lacunas da Semana. Este é um dos vários cartazes dessa exposição, que explica a Semana de 22, mostrando seus antecedentes e suas consequências até o ano de 1947. Os objetos — móveis, ornamentos, tráfego — servem de informação a respeito de uma situação estética. Nenhum objeto deve ser situado como curiosidade, mas pelo que significa para com a própria História.



Esta primeira página do JD mostra detalhes do cartaz de Willys de Castro, distribuído pelo Conselho Estadual de Cultura, da Secretaria de Esportes, Cultura e Turismo do Governo do São Paulo. Da esquerda para a direita, de cima para baixo, obras de Victor Brecheret, Daisy (1922); Dêcio Vilares, Retrato (1890); Di Cavalcanti, Cinco Moças de Guaratinguetá (1930); Elvino de Carvalho, Retrato (1938); Cândido Portinari, Retirantes (1944); Anita Malfatti, A estudante (1918); Vicente do Rego Monteiro, Mulher Sentada (1928); Alfredo Volpi, Nu deitado (1948); Regina Graz, Tapeçaria (1926); Eileen Visconti, Nu (1893); Ferrignac, Retrato (c. 1921). Nesta página de volta. Estudantes percorreram o dia inteiro o Museu de Arte de São Paulo, Assis Chateaubriand, cadernos nas mãos, máquinas fotográficas, gravadores. Piolin é o mais entusiasmado e aventureiro e de uma cidade muito calma e tranqüila de cinquenta anos atrás, das ruínas no Ponto Chile. Hoje tudo é diferente e é diferente exatamente porque alguns homens resolveram caminhar mais rápido. No campo da literatura, por exemplo, esses homens não quiseram mais ouvir os versos de Francisco Júlio e frentaram as fúrias operárias. Esse homem estava preparando algumas conferências, peças, concertos. Foram três dias transformados numa semana e uma semana se transformou em 50 anos, no dizer do poeta Paulo Bonfim. (O texto é de Avvaro de Faria).

— Quem teve a idéia da Semana da Arte Moderna? Por mim não sei quem foi, nunca soube, só posso garantir que não fui eu. O movimento, se abstrahido aos pontos, já se tornara uma espécie de escândalo público permanente. E eis que Graça Aranha, escritor, trazendo da Europa a sua "Estética da Vida", vai a São Paulo, e procura conhecer-nos e agrupar em torno da sua filosofia. Nos seus ramos um boicote da "Estética da Vida", que ainda alcança certos modernos europeus da nossa administração, mas aderimos francamente ao mestre. E aí já em lanço a idéia de se fazer uma semana de arte moderna, com exposição de artes plásticas, concertos, leituras de livros e conferências explicativas. Foi o próprio Graça Aranha? Foi Di Cavalcanti? Portinari, que importa era poder realizar essa idéia, além de acadêmicos, dependosistas. E o autor verdadeiro da Semana de Arte Moderna foi Paulo Prado. (Mário de Andrade).

— Somos um perdido topoi na urbe acampada em território irregular e hostil e, com ela, temos surpresa dos nossos e a abismosa contorção dos alturas. Falo em nome de meia dúzia de artistas moços de São Paulo e de um mais velho, o velho incoñtido... (Oswald de Andrade).

— Nada de poético, meloso, artificial, arrevesado, pedregoso, queremos escrever com sangue — que é humanidade; com electricidade — que é movimento; expressão dinâmica do ser; com consciência — que é energia banderante. Menotti del Picchia!

